



**ANA PAULA HAMEREGA SCHORNOBAY**

**AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM:  
A IMPORTÂNCIA DO VÍNCULO AFETIVO ENTRE PROFESSOR E ALUNO**

Pitanga - Paraná  
2019

ANA PAULA HAMEREGA SCHORNOBAY

**AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM:  
A IMPORTÂNCIA DO VÍNCULO AFETIVO ENTRE PROFESSOR E ALUNO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, Área das Ciências Humanas da Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná-UCP, como requisito à obtenção de grau de Licenciatura em Pedagogia. Professora Orientadora: Ms. Sandra Maria Papin Rodrigues.

Pitanga  
2019

Catálogo elaborado pela Bibliotecária Michele Carolina da Silva Martins CRB 9/1838 da Biblioteca Profa. Dirce Doroti Mèrlin Clève da Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná - UCP

M321n (numeração concedida pela Bibliotecária)

IORI JUNIOR, Moacir

Normas para apresentação de trabalhos acadêmicos da Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná / Moacir Iori Junior. – Pitanga, 2016.

107 f.

Orientador: Sandra Maria Papin Rodrigues

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná - UCP, 2016.

1. ABNT. 2. Normas de Trabalho Acadêmico. 3. Trabalho de Conclusão de Curso. I. Martins, Michele Carolina da Silva. II. Sobrenome, Nome (orientador do TCC). III. Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná, UCP. IV. Título.

CDD 001.42

## TERMO DE APROVAÇÃO

**ANA PAULA HAMEREGA SCHORNOBAY**  
**AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM:**  
**A IMPORTÂNCIA DO VÍNCULO AFETIVO ENTRE PROFESSOR E ALUNO**

Trabalho de Curso aprovado com nota 0,0 (número extenso) como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná, pela seguinte Banca Examinadora:

Orientadora (Presidente): **Prof. Ms. Sandra Maria Papin Rodrigues**  
Curso de Pedagogia, Faculdade UCP

Membro: **Prof. Nome do Professor**  
Curso de Pedagogia, Faculdade UCP

Membro: **Prof. Nome do Professor**  
Curso de Pedagogia, Faculdade UCP

Pitanga, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, pela força que tem me dado ao longo desta caminhada, à minha família, em especial meus pais que contribuíram para que este sonho se tornasse realidade e ao meu noivo, pela paciência dedicada a mim por todos estes anos de convivência.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente elevo meus agradecimentos a Deus que me trouxe o incentivo e a persistência necessários nas horas que pareciam mais impossíveis, fazendo com que acreditasse em meu sonho e assim pudesse chegar ao final desta jornada.

Agradeço aos meus familiares, amigos e professores de modo geral, pelo incentivo, apoio e conselhos nos momentos de alegria mas principalmente nos de dificuldade.

Com amor, meu muito obrigada a minha mãe Dircélia Hamerega Schonobay e ao meu pai Paulo Sérgio Schornobay, que me ajudaram na concretização do meu sonho, deixando de si para me amparar nos meus estudos e me ver formada. Meus queridos pais, vocês são os principais incentivadores neste longo processo acadêmico, ao me incentivarem, apoiarem e me mostrarem o exemplo de fé, determinação e humildade.

Ao meu amado noivo Marcos Eduardo Kindziera, que sempre me apoia em tudo, preocupa-se com cada passo que vou seguir, ajudando-me ao compreender a minha ausência nos momentos de estudo.

Agradeço à minha orientadora Sandra Maria Papin Rodrigues, não só pela constante orientação neste trabalho, mas sobretudo pela amizade construída ao longo desse ano, a qual sempre lembrarei com muito carinho.

Ao professor Rafael de Farias Sass, que iniciou e contribuiu com esta pesquisa.

Aos colegas, companheiros desta viagem denominada superação de desafios, sempre os levarei em meu coração.

Gostaria de agradecer também algumas pessoas que fizeram muito por mim durante todo este percurso, à minha querida amiga Andreza Kutianski Borges, meu ombro amigo nas horas mais difíceis; à professora Helena de Oliveira Andrade, meu anjo protetor.

Não poderia deixar de agradecer a Ana Flávia Alves Batista e Jaqueline Maria Drong, amigas e companheiras de trabalhos e estágios, os quais enfrentamos com muita garra e determinação, vencendo as dificuldades.

Muito obrigada a todos.

Ana Paula Hamerega Schornobay

" O nascimento do pensamento é igual ao nascimento de uma criança: tudo começa com um ato de amor. Uma semente há de ser depositada no ventre vazio. E a semente do pensamento é o sonho. Por isso os educadores, antes de serem especialistas em ferramentas do saber, deveriam ser especialistas em amor: intérpretes de sonhos." Rubem Alves.

SCHORNOBAY, Ana Paula Hamerega; RODRIGUES, Sandra Maria Papin. **Afetividade no processo de ensino aprendizagem:** A importância do vínculo afetivo entre professor e aluno. 2019. Número total de folhas. Trabalho de Conclusão de Curso Graduação em Pedagogia – Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná, Pitanga, 2019.

## RESUMO

O presente trabalho busca esclarecer de que maneira ocorre a relação professor - aluno e como esta pode influenciar no processo de aprendizagem. A pesquisa é de cunho bibliográfico, baseada em autores como Wallon (2003), Piaget (1980), Vygotsky (1996), entre outros, que buscam colocar em discussão/reflexão a afetividade no processo de ensino e aprendizagem nas escolas, bem como a maneira que a afetividade pode influenciar todo este processo de alfabetização. Os resultados apresentados mostram que a afetividade é fundamental para a escolarização das crianças, visto que estas podem desenvolver-se melhor pelo fato de sentir-se seguras e confortáveis ao que lhes é apresentado na escola, sendo assim, podem alcançar uma educação de qualidade pautada na afetividade. Um ambiente harmonioso favorece todo o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes, desse modo, cabe ao professor criar uma relação afetiva para com seus alunos.

**Palavras-chave:** Afetividade. Criança. Professor. Ensino e Aprendizagem. Desenvolvimento.

SCHORNOBAY, Ana Paula Hamerega; RODRIGUES, Sandra Maria Papin. **Affectivity in the teaching-learning process:** the importance of an affective relationship between teacher and student. 2019. Número total de folhas. Trabalho de Conclusão de Curso Graduação em Pedagogia – Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná, Pitanga, 2019.

## **ABSTRACT**

This paper aims to enlighten how the teacher-student relationship happens and how it can affect the teaching-learning process. The research is a bibliographic study based on authors like Wallon (2003), Piaget (1980), Vygotsky (1996) and others who seek to bring about a critical and an extensive discussion about the affectivity during the learning process as well as the influence on the literacy acquisition process. That way, the results from this research show how important is the affectivity throughout the schooling term of a child, considering that their greater development is completely related to their feelings of security and wellness in front of the school challenges. As a result, they can achieve a high quality education. In summary, the teacher has the responsibility to promote a good relationship with the students in order to ensure a pleasant environment which stimulates the teaching-learning process.

**Key-words:** Affectivity. Child. Teacher. Teaching-learning. Development.

## Sumário

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
1.1 PROBLEMA .....	11
1.2 JUSTIFICATIVA .....	11
1.3 OBJETIVOS .....	12
1.3.1 Objetivo Geral.....	12
1.3.2 Objetivos Específicos .....	12
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>13</b>
2.1 A INTERAÇÃO SOCIAL .....	13
2.2 AFETIVIDADE .....	14
2.2.1 Definição de Afetividade: .....	15
2.2.2 Afetividade para Henri Wallon .....	16
2.2.3 Afetividade segundo Vygotsky .....	18
2.2.4 Afetividade segundo Piaget.....	19
2.3 A RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO NO PROCESSO ENSINO E APRENDIZAGEM .....	22
2.4 O PEDAGOGO COMO PARTE DO PROCESSO DE AFETIVIDADE .....	28
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	<b>31</b>
3.1 TIPO DE PESQUISA .....	31
3.2 ANÁLISE DE DADOS.....	32
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	<b>33</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>43</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa busca compreender a importância da afetividade em sala de aula, de modo que esta seja incluída na relação entre professor e aluno, bem como entre os próprios estudantes, visto que a afetividade é essencial no processo de ensino e aprendizagem.

Embora a afetividade em sala de aula – e porque não dizer na escola - seja deixada em segundo plano, é importante que professores e escola como um todo, passem a considerar o fato de proporcionar um ambiente escolar afetivo.

Pesquisas apontam que um ambiente escolar que considera o lado afetivo dos indivíduos proporciona uma aprendizagem ampla e de qualidade. Sendo assim, o professor deve priorizar que os estudantes possam expor seus sentimentos criando uma relação de confiança, respeito e afeto entre os sujeitos da sala de aula.

Um dos objetivos da pesquisa em tela é expor que a afetividade deve ser um ponto importante no processo de ensino e aprendizagem e, por meio dela, levar professores a aplicar o conceito de afetividade como um todo, deixando o professor autoritário de lado e criando uma boa relação com seus alunos.

Tendo em vista que a afetividade proporciona uma aprendizagem melhor e que, por vezes, as crianças acabam não recebendo afeto por parte da família, portanto, é imprescindível que o afeto ocorra na escola como um todo.

Ressalta-se ainda que, ao pensar em afetividade, não quer dizer apenas que o professor focará seu trabalho somente nesse aspecto, a questão aqui será trabalhar com afetividade, conhecimentos e saberes de sala de aula, proporcionando um ambiente adequado à aprendizagem, facilitando todo o processo.

Assim, proporcionará uma base de aprendizagem melhor, isso no sentido de desenvolvimento do aluno como pessoa e também no que refere-se ao conhecimento científico, já que a missão da escola é apresentar e ensinar as ciências que levarão a criança a um futuro promissor.

Desta forma, o papel da escola vai além de ensinar o que é científico, pois quando o professor passa a olhar seu aluno de forma diferenciada, sem rotulá-lo, passará a entender muito mais desta criança, e buscará atendê-la de modo que esta sinta-se parte do processo de aprendizagem bem como do ambiente escolar, pois estará confiante de si e sentindo-se segura para interagir e participar de sua aprendizagem.

## 1.1 PROBLEMA

O professor deve ter plena consciência do seu papel enquanto facilitador da aprendizagem, não tomando para si o papel de detentor do saber, mas sim de um professor colaborativo, que procura manter uma relação empática com seus alunos, pois a construção do conhecimento não pode ser vista como um processo que ocorre individualmente e sim como resultado de um trabalho coletivo e afetivo. Existem vários fatores que interferem na construção do conhecimento. Nesse viés, questiona-se: de que maneira a relação professor-aluno pode influenciar no processo ensino-aprendizagem?

## 1.2 JUSTIFICATIVA

O presente projeto justifica-se pela importância do tema apresentado, pois a questão da afetividade envolve a escola de maneira direta. Desse modo, é imprescindível que os autores envolvidos saibam lidar com os estudantes oportunizando o suporte afetivo necessário para que o aluno possa aprender e desenvolver-se. Aprender no seu real sentido, pois pesquisas realizadas por Chaves e Barbosa (1998); Felden (2008) e Ribeiro (2008) demonstram que a criança aprende melhor se há uma relação afetiva propiciada entre professor e aluno, favorecendo assim o ensino e aprendizagem.

No entanto, a formação afetiva do professor é deixada de lado, portanto, o professor acaba não estabelecendo uma relação de afetividade com os seus estudantes, deixando clara uma educação baseada no autoritarismo, mantendo uma relação de poder sob os alunos.

A afetividade é extremamente importante do ponto de vista cognitivo, visto que as relações afetivas impactam na vida escolar dos estudantes de modo positivo, proporcionando um ensino e aprendizagem melhores.

Quanto ao tema a ser estudado e abordado no projeto, sentiu-se uma forte inclinação sobre a questão da relação professor-aluno, pois se trata de um tema presente no cotidiano escolar de todas as instituições e merece ser refletido.

Assim, esse projeto visa, no contexto escolar, propor formas de enfrentamento das más relações, que devem partir primeiramente do professor, visto que ele é o

“modelo” do aluno. O professor deve em primeiro lugar gostar do que faz, pois assim realizará seu trabalho com mais dedicação e prazer, motivando os alunos.

O professor deve também ouvir os alunos e estimular sua participação, obtendo melhores resultados em suas aulas, o que acaba incentivando os alunos a dedicarem-se mais ao seu processo de aprendizagem, conseqüentemente, mantendo uma relação mais afetiva em sala de aula, pois quando se desenvolve uma prática pedagógica baseada na motivação e no companheirismo, os resultados obtidos no processo ensino-aprendizagem são mais satisfatórios.

Nesse sentido, escolheu-se este tema para desenvolvê-lo no projeto, tendo em vista a grande preocupação que a relação professor-aluno vem causando, tanto para os educadores, quanto para os próprios educandos. A boa relação que deve haver entre professores e alunos está sofrendo uma grande defasagem, devido às mudanças que têm ocorrido na sociedade, afetando as relações na sala de aula.

### 1.3 OBJETIVOS

#### 1.3.1 Objetivo Geral

Realizar uma revisão bibliográfica da literatura acerca do tema afetividade buscando reconhecer e valorizar a importância de uma boa relação entre professor e aluno no processo ensino e aprendizagem na educação básica.

#### 1.3.2 Objetivos Específicos

- Proporcionar a compreensão de que um ambiente afetivo favorável promove um acolhimento e uma relação de confiança e aprendizagem;
- Promover a reflexão acerca da importância da relação professor-aluno no processo ensino e aprendizagem;

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 A INTERAÇÃO SOCIAL

O ser humano é social por natureza. Desde que nasce, o indivíduo vive em processo de interação, de início, com a família, seu primeiro contato; durante seu desenvolvimento, ele é inserido na sociedade e, mais tarde, dando continuidade ao seu processo de desenvolvimento, é inserido no ambiente escolar. Dessa forma, o indivíduo está sempre aprimorando sua interação, ampliando seu repertório de contatos e de conhecimentos acerca dessa interação.

A educação, por ser uma prática de intervenção na realidade social, é um fenômeno composto por um conjunto complexo de perspectivas e enfoques. Não pode, portanto, ser considerada como uma ciência isolada nem tampouco apreendida mediante categorias de um único campo, já que várias disciplinas autônomas convergem para a constituição de seu objeto. Ou seja, “a prática pedagógica é influenciada por múltiplas dimensões: social e política, filosófica, ética, técnica, histórica etc., e, dentre essas, a dimensão psicológica” (SEVERINO, 1991, p.36). Portanto, é necessário que o educador tenha acesso a informações de diversas áreas do conhecimento e, especificamente na psicologia, das diferentes teorias já elaboradas.

A interação com outras pessoas é capaz de produzir muitas sensações em cada indivíduo, como os amigos, por exemplo, com seus conselhos e críticas, muitas vezes, conseguem melhorar alguns aspectos negativos que o indivíduo possui, através da sensibilização, da confiança e do respeito.

A socialização é um processo interativo, necessário para o desenvolvimento, através do qual a criança satisfaz suas necessidades e assimila a cultura ao mesmo tempo que, reciprocamente, a sociedade se perpetua e desenvolve (BORSA, 2007, p. 1).

Nessa linha de análise, o relacionamento humano é um fator fundamental na realização comportamental e profissional. Assim, a relação professor/aluno é de fundamental importância, visto que a educação é uma das fontes mais importantes do desenvolvimento comportamental e agregação de valores no indivíduo (BORSA, 2007). Miranda corrobora com Borsa (2007) ao enunciar que:

Na escola, a criança vive um processo de socialização qualitativamente distinto, passando a internalizar novos conteúdos, padrões de comportamento e valores sociais. Será submetida a novos processos de internalização da realidade social, pela mediação de novos veículos sociais (MIRANDA, 1989, p. 134).

Os comportamentos que o indivíduo apresenta são respostas constantes e contínuas ao ambiente que o rodeia, seja físico ou social. É possível reagir a objetos e condições físicas, como vestir um agasalho num dia frio, por exemplo; reagir a pessoas, como uma pessoa querida é um estímulo para se dar um abraço (LANE, 1989).

Cada pessoa desperta em outros comportamentos diferentes: uma pessoa provoca vontade de abraçar, outra provoca vontade de ficar conversando, outra pessoa, por sua vez, pode causar antipatia a seu respeito. Contudo, há pessoas que são agradáveis, e que se torna prazeroso estar ao lado delas, por uma ou por outra razão.

Na sala de aula, esse processo também acontece, o aluno aproxima-se do professor à medida que essa aproximação for agradável para ele, o professor também se aproximará dos alunos junto aos quais se sentir bem, haja vista que o professor não é um sujeito neutro, sem sentimentos e distante, suas reações dependem, em grande parte, da maneira como ele percebe os alunos. No entanto, o professor deve ter consciência de que suas percepções podem falhar, e que podem ser modificadas (MIRANDA, 1989), a fim de que não haja pré estruturas fixas de relacionamentos criando um ambiente difícil de ser conduzido e no qual o processo ensino aprendizagem tenha empecilhos para fluir.

## 2.2 AFETIVIDADE

Ferreira (1999, p.62), define que: “O afeto corresponde a sentimento de amizade, afeição, carinho, afabilidade”.

Lima corrobora com Ferreira ao enunciar que:

Assim, quando se pensa em afeição, vêm naturalmente à mente imagens relacionadas a cuidado, acolhimento, aceitação, afago. ‘Para ser, afeto, precisa afetar, tocar, contactar aquele que estava sujeito a’, produzindo uma mudança de estado. Assim, o afeto é uma emoção que logo avistamos, porque se materializa e, desta forma, se comunica, se avista. O afeto é considerado extremamente necessário em vários aspectos do desenvolvimento da criança. O afeto é atuante na vida do ser humano, desde que esse está sendo gerado até a maturidade, isso faz com que o afeto tenha

uma ligação direta com a aprendizagem. Em qualquer fase da vida o indivíduo necessita de afeto (2008, p.15).

Afetividade pode ser conceituada como todo o domínio e capacidade de entrar em contato com sentimentos das emoções, das experiências e sensações. O desenvolvimento intelectual é composto de dois componentes: o cognitivo e o afetivo paralelamente sendo considerada fundamental no desenvolvimento intelectual, equilibrando e harmonizando essencialmente a personalidade humana, tendo influência na percepção, na memória, pensamentos, vontades e ações (PIAGET, 1998).

### **2.2.1 Definição de Afetividade:**

A afetividade é caracterizada por meio de distintas ramificações, sendo elas a filosófica, a psicológica e a pedagógica. Neste trabalho em tela, a afetividade é abordada na perspectiva pedagógica, visto que a relação educativa que se estabelece entre professor e aluno no processo de sala de aula.

Primeiramente, devemos conceituar a palavra afeto, pois esta vem do latim “affectur” (afetar, tocar) e constitui o elemento básico da afetividade. Segundo definição da Enciclopédia Larrousse Cultural (1998, p.156), “a afetividade é o conjunto de fenômenos psíquicos em que manifestam sentimentos, paixões, acompanhados com frequência da impressão de dor, insatisfação, agrado ou desagradado, alegria ou tristeza”.

O afeto é a parte do psiquismo responsável pela maneira de como o ser humano percebe e sente a realidade. A afetividade é considerada como a parte psíquica incumbida pelo sentimento, ou seja, depende do que o indivíduo vive. Se algum acontecimento que se vive está sendo agradável, triste, prazeroso, causa sofrimento, provoca temor ou dá satisfação, são sentimentos instigados pela afetividade, a qual encontra seu motor impulsionador pelos sentimentos, emoções, e desenvolve-se através do progresso na construção do sujeito. (PINTO, 2008)

A afetividade aparece de duas maneiras: inicialmente, constituída com carinho, amor e afeição, é um sentimento produzido com a interação entre os seres humanos através da relação interpessoal. Já em segundo momento, a afetividade manifesta-se como um estado de entendimento entre os indivíduos. Sendo assim, no contato afetivo

com o outro sujeito, cada um estimula a relação consigo mesmo, e desta forma também aprende que deve-se respeitar os limites do outro.(PINTO,2008).

O afeto então pode, ser compreendido como uma energia que é fundamental para que a formação da cognição possa operar, haja vista que é imprescindível na formação de pessoas felizes, seguras, éticas, e capazes de conviver na sociedade em que estão inseridas. Dentro da instituição escolar, a afetividade está relacionada a aproximação que deve ter entre professor e aluno e desta forma, saber e poder ouvi-lo, valorizando-o e acreditando em suas potencialidades.

Segundo Morales (1998, p.61) “a conduta do professor influi sobre a motivação, afetividade e a dedicação do aluno ao aprendizado”, portanto, influencia diretamente a velocidade e a forma como o conhecimento é construído, porque quando uma pessoa se sente segura, sua capacidade de aprender é facilitada. Reitera-se que o aluno se vê influenciado afetivamente por sua percepção em relação ao professor, se vê de forma privilegiada, tendo sua autoconfiança renovada. (VIEIRA E LOPES, 2010).

### **2.2.2 Afetividade para Henri Wallon**

Para Henri Wallon (2003), a evolução afetiva está ligada ao desenvolvimento da cognição, haja visto que se diferencia entre crianças e um adultos, inferindo-se que há uma inserção de construções de inteligência pela criança, seguindo a maneira que possui para racionalizar-se.

Dessa forma, evidencia-se como são importantes os aspectos afetivos para o desenvolvimento psicológico, pois, é através da emoção que o aluno expressa suas vontades, desejos, e necessidades. Implicitamente, são manifestações que exteriorizam um universo importante e evidente, no entanto, com pouca estimulação pelos métodos tradicionais de ensino, que por sua vez acabam deixando de lado as emoções de alunos e professores e passam a buscar apenas resultados. Intrínseco porque a emoção é puramente orgânica, tendo alterações na respiração, nos batimentos do coração, gerando um efeito no outro e por sua vez, pode-se propagar no meio social e por consequência torna-se um dos principais elementos na construção do ser humano. Entretanto, a escola insiste em deixar a criança imobilizada em uma carteira, limitando-a justamente na espontaneidade

das emoções e do pensamento que produz, justo estes tão necessários para o total e completo desenvolvimento da pessoa (WALLON, 2003).

Segundo o referido autor (2003), as teorias sobre as emoções têm bases mecanicistas e complexas de serem compreendidas. A princípio, ele as define como reações incoerentes e desencontradas, depois destaca que as emoções positivas têm o poder ativador. O estudo da criança requisita o estudo dos meios nos quais a mesma toma o seu desenvolvimento. A afetividade tem o papel de direcionar o olhar do professor com uma forma mais significativa, tendo em vista a relação que se estabelece entre professor e aluno. Todavia, o estudioso expõe que é possível supor que a afetividade também se expresse sob outras dimensões humanas.

Assim sendo, o autor advoga que a sociedade exerce influência no desenvolvimento psíquico da criança, através de suas constantes experiências e das dificuldades que encontra para serem ultrapassadas, pois a criança, ao contrário de outros seres vivos, é dependente de seus semelhantes por muito tempo, (WALLON, 2003). Como se pode constatar, a influência afetiva é de extrema importância para Wallon, seja através da estruturação da pessoa ou do ponto de vista do conhecimento, desta forma, favorecendo o desenvolvimento humano, que por sua vez se demonstra a partir da concepção e se estende por toda a vida do sujeito.

Wallon (2003) acredita que deve existir uma reviravolta desde o feto, o qual prolonga-se até mesmo do nascimento, já que, uma criança dita “normal”, quando já está se relacionando afetivamente bem com o seu meio ambiente, principalmente com a mãe, seu adulto mais próximo, sente necessidade de ser objeto de manifestações afetivas para que, assim, seu desenvolvimento biológico seja considerado normal. Sendo assim, torna-se comum acontecerem mudanças nas interações da criança e nas suas relações com o meio, sendo imprescindível a importância para a maturidade da criança.

A forma como a criança interage no cotidiano escolar corresponderá a alguns princípios afirmados nas etapas anteriores, tal como definidas por Wallon. Esses princípios serão necessários para evitar as crises difíceis pelas quais a maturação da criança e o seu psicológico podem possivelmente passar.

É na escola, representada pela figura do professor que a criança começa a emancipar-se da vida familiar. A escola, apresentada pela imagem do professor

precisa compreender o aluno e também seu universo sociocultural. Portanto, conhecer o referido universo é de grande valia para o trabalho do docente que atua no plano universal, cultural e pessoal. O professor deve ter clareza que acima de tudo, o sentimento de amor, carinho e respeito devem prevalecer em sua relação com o aluno. Rangel (1992) corrobora com as concepções de Wallon (2003) quando enuncia:

Acreditamos que a escola deve se ocupar com seriedade com a questão do “saber,” do “conhecimento”. Se um professor for competente, ele, através de seu compromisso de educar para o conhecimento, contribuirá com a formação da pessoa, podendo inclusive contribuir para a superação de desajustes emocionais (1992, p.72 ).

Assim sendo, a prática educativa na escola deve valorizar e levar em consideração as relações de afeto e solidariedade, devendo ainda oportunizar situações cotidianas que tragam o prazer ao aluno de construir conhecimentos e de poder crescer e desenvolver-se junto com o outro, de forma que coopere com o ambiente social em uma concepção sociointeracionista.

### **2.2.3 Afetividade segundo Vygotsky**

Para Vygotsky (1996), de acordo com suas concepções acerca da Zona de Desenvolvimento Proximal, a relação entre o professor e o aluno não deve ser impositiva, mas que exista o espírito de cooperação, de respeito e de crescimento para ambos. O papel do professor é fundamental nesse processo, como um sujeito mais experiente, sendo mediador de todo o processo de desenvolvimento cognitivo do educando. Por outro lado, deve-se considerar o aluno como um ser ativo que interage e participa no seu processo de construção do conhecimento. Levando isto em consideração, é papel do professor examinar o que o aluno já sabe, tendo em vista que a bagagem cultural que o aluno traz consigo é importante para a construção da sua aprendizagem e também de todo o processo de desenvolvimento.

O autor definiu que o desenvolvimento intelectual de cada pessoa perpassa em dois níveis: o real e o potencial com o objetivo de explicar que a construção do conhecimento se dá através do coletivo, portanto, sem ignorar a ação intrapsíquica do sujeito. O nível real é aquele que a criança já carrega consigo, determinando o que a mesma pode fazer por si própria, ou seja, ela já possui um conhecimento

consolidado, é aquele que a criança adquire com as experiências que tem. A abordagem do autor ocorre através da internalização (de fora para dentro). Vygotsky (2003) declara que o conhecimento se dá dentro de um contexto, pois as influências sociais são mais importantes do que o contexto biológico do indivíduo.

Os processos superiores internos são acelerados à medida em que a aprendizagem ocorre, contudo, apenas são capazes de atuar quando a criança interage com outros indivíduos e com o meio ambiente. É de extrema importância que esses processos sejam internalizados pela criança, levando em consideração que a educação é um processo necessário, sendo assim, deve-se considerar que o objetivo principal da educação é desenvolver a autonomia moral e intelectual do indivíduo.

Enfim, os autores analisados Wallon (2003) e Vygotsky (2003) realçam a relação entre afeto e cognição, excedendo a visão dualista do homem, a qual imperava até então. Assim observa-se que, as concepções dos autores relacionam-se acerca do papel fundamental que as emoções exercem na formação do caráter e da personalidade do indivíduo.

Vygotsky (1996) procurou traçar um caminho histórico com o tema afetividade. Assim sendo, o autor busca explicar a mudança que ocorre das primeiras emoções elementares para as experiências emocionais superiores, particularmente no que se refere à questão dos adultos terem uma vida emocional mais refinada que as crianças. O estudioso defende que as emoções continuam existindo, no entanto se transformam, afastando-se da sua origem biológica e modificando-se para assim continuar construindo-se como fenômeno histórico e cultural, assim como observado durante toda sua teoria sobre o desenvolvimento dos processos de educação pelos quais os indivíduos perpassam.

#### **2.2.4 Afetividade segundo Piaget**

Piaget (1977) aborda a questão do desenvolvimento da criança, e por meio de suas análises, percebe-se que o desenvolvimento da criança—seja na esfera escolar e/ou afetiva—torna-se melhor, pois a interação entre os sujeitos da aprendizagem é mais significativa. Sendo assim, o estudioso (1977, p.16) exemplifica que: “vida afetiva e vida cognitiva são inseparáveis, embora distintas. E são inseparáveis porque todo

intercâmbio com o meio pressupõe ao mesmo tempo estruturação e valorização”. Nesse viés, infere-se que a afetividade esteja intimamente ligada à aprendizagem.

Piaget (1980) enfatiza que é a partir da aquisição da linguagem que se inicia uma socialização efetiva, podendo então dispor-se das relações afetivas entre os indivíduos que fazem parte do processo de aprendizagem.

Afonso, (2006, p. 15), expõe o conceito de Piaget sobre a influência da afetividade no funcionamento da inteligência:

Sem afeto não haveria interesse, nem necessidade, nem motivação; e conseqüentemente, perguntas ou problemas nunca seriam colocados e não haveria inteligência. A afetividade é uma condição necessária na constituição da inteligência mas, na minha opinião, não é suficiente. Podemos considerar de duas maneiras diferentes as relações entre afetividade e inteligência. A verdadeira essência da inteligência é a formação progressiva das estruturas operacionais e pré-operacionais. Na relação entre inteligência e afeto, podemos postular que o afeto faz ou pode causar a formação de estruturas cognitivas.

Uma outra interpretação dada por Piaget é que o afeto explica a aceleração ou retardamento da formação das estruturas; aceleração no caso de interesse e necessidade, retardamento quando a situação afetiva é obstáculo para o desenvolvimento intelectual.

É importante ressaltar que “embora uma condição necessária, a afetividade não é condição suficiente na formação da estrutura, que na cognição, é autônoma”. (AFONSO, 2006, p. 16). Por exemplo, numa estrutura aritmética como  $7+5=12$ , a compreensão da igualdade pode ser retardada por certas situações afetivas, ou pode ser acelerada onde o interesse estiver envolvido. Em ambos os casos, o sujeito acabará por aceitar que  $7+5=12$ . Isto mostra a estrutura independente do afeto, mesmo que sua construção possa ser motivada, e por consequência acelerada ou retardada por sentimentos, interesse e afeto.

De acordo com o autor, o afeto pode levar a erros, e por causa de problemas afetivos, uma criança pode aceitar por um momento que  $7+5=11$ , ou 13 e não 12. Mas isto não é uma estrutura equilibrada. “Mesmo que o afeto leve a desvios momentâneos, fatores puramente cognitivos corrigirão eventualmente cada estrutura, independentemente do afeto”, (AFONSO 2006, p. 16).

Piaget assume que escolhe a segunda interpretação e tenta demonstrar geneticamente que a afetividade pode levar a aceleração ou retardamento, mas não é a causa da formação das estruturas cognitivas. O estudioso assume que mostrará.

Por meio dos estágios da afetividades que estas correspondem exatamente aos estágios de desenvolvimento das estruturas; ou seja, que há correspondência e não sucessão.

Piaget dedicou-se especificamente ao estudo do desenvolvimento cognitivo, à gênese da inteligência e da lógica. Ele chegou à conclusão pela experiência de observação de quatro estágios ou fases do desenvolvimento da inteligência, que em cada estágio há um aspecto particular através do qual a criança edifica as informações que recebe.

Primeiro estágio – Sensório-motor (ou prático) - 0 - 2 anos: trabalho mental; estabelecer relações entre as ações e as modificações que elas provocam no ambiente físico; exercícios dos reflexos; manipulação do mundo por meio da ação. Ao final, constância, permanência do objeto.

Segundo estágio - Pré-operatório (ou intuitivo) - 2 - 6 anos: desenvolvimento da capacidade simbólica (símbolos mentais: imagens e palavras que representam objetos ausentes); explosão linguística; características do pensamento (egocentrismo, intuição, variância); pensamento dependente das ações externas.

Terceiro estágio - Operatório-concreto - 7 - 11 anos: capacidade de ação interna: operação. Características da operação: reversibilidade/invariância – conservação (quantidade, constância, peso, volume); descentração/capacidade de seriação/capacidade de classificação.

Quarto estágio - Operacional-formal (abstrato) - 11 anos: A operação se realiza através da linguagem (conceitos). O raciocínio é hipotético-dedutivo (levantamento de hipóteses; realização de deduções). Essa capacidade de sair-se bem com as palavras e essa independência em relação ao recurso concreto permite: ganho de tempo; aprofundamento do conhecimento; domínio da ciência, da filosofia (PIAGET, 1985).

Após observação sobre o processo do desenvolvimento cognitivo trata-se, a seguir, sobre a relação da afetividade familiar e o processo de desenvolvimento. Lima (2008, p.22) advoga:

A afetividade surge à medida que os seres humanos estabelecem relações entre si e com a natureza, ocasião em que vivenciam emoções e sentimentos, isto é reagem afetivamente aos acontecimentos. O desenvolvimento do ser humano e a consciência de si vão sendo construída pelo sujeito nas relações com o outro.

A base do desenvolvimento é, sem dúvida, a família, os acontecimentos nesse grupo social refletem profundamente na formação da criança, aí é que se mede a altíssima necessidade de receber o afeto familiar em um ambiente harmonioso com pais que sabem lidar com as diversidades e que reagem de modo positivo diante delas.

Família é o grupo social primário ao qual a criança é inserida logo após seu nascimento, criando assim laços capazes de sustentar os membros por meio da ética e moralmente unidos, por muitas gerações. A criança experimenta as maiores sensações de alegria, felicidade, prazer, amor ou tristezas, desencontros, brigas, ciúmes, medos e ódios no convívio familiar. No meio familiar a criança pode se tornar uma pessoa mais humana, afetuosa, por isso a afetividade familiar tem que ser adequada para que consiga transferir as referências positivas, capazes de integrar ao desenvolvimento da personalidade, os limites necessários para que o indivíduo seja emocionalmente equilibrado (CAPELATTO, 2002).

É necessário que se compreenda que a afetividade está ligada à cognição, Wallon(1975) , Vygotsky(2003) e Piaget (1980) dedicaram suas vidas em defesa aos estudos sobre afetividade, portanto, as discussões devem estar baseadas e como lidamos com isso em sala de aula, visto que nenhuma graduação nos ensina a lidar com os alunos e seus problemas em sala de aula.

Sendo assim, o professor acaba aprendendo estes conceitos e práticas em seu dia a dia, sendo lógico que este errará, no entanto, aprenderá e aperfeiçoará seu conhecimento para que possa trabalhar da melhor maneira possível perante seus alunos.

### 2.3 A RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO NO PROCESSO ENSINO E APRENDIZAGEM

O prazer em aprender não é algo intrínseco nos alunos, sendo, muitas vezes, encarado como obrigação. O ato de aprender torna-se mais interessante para o educando quando ele sente-se competente pela motivação proposta em sala de aula. Para que esse fundamento seja efetivado, o professor deve entrar em ação, proporcionando formas de motivar os alunos, despertando sua curiosidade e acompanhando suas ações no decorrer das atividades. Pode-se concluir que o professor deve ser um criador de alternativas, usando de sua imaginação e

criatividade, buscando novas alternativas de assegurar aos alunos uma aula muito mais prazerosa e significativa (BRUST, 2009).

A aprendizagem é influenciada de forma altamente significativa pela afetividade que o professor demonstra para com os alunos, facilitando esse processo de ensinar e aprender, já que os alunos aproximam-se do professor, dedicando-lhe atenção, trocando ideias e dando opiniões, enriquecendo assim, a relação existente entre ambos (BRUST, 2009). Sobre a importância do diálogo, Haydt retoma as ideias de Brust:

Na relação professor-aluno, o diálogo é fundamental. A atitude dialógica no processo ensino-aprendizagem é aquela que parte de uma questão problematizada, para desencadear o diálogo, no qual o professor transmite o que sabe, aproveitando os conhecimentos prévios e as experiências anteriores do aluno. Assim, ambos chegam a uma síntese que elucida, explica ou resolve a situação-problema que desencadeou a discussão (HAYDT, 1995, p. 87).

Urge ao professor saber como usar o diálogo de forma a que este possa ser uma fonte de riquezas e saberes, como uma arte a ser cultivada e ensinada. O educador deve ensinar aos alunos que o diálogo só acontece quando os interlocutores têm voz ativa, e que se eles se limitarem a impor suas visões de mundo sem considerar o que o outro tem a dizer, não estarão praticando um diálogo (BRUST, 2009).

Esse conceito de diálogo na sala de aula torna-se muito propício, pois, nesse sentido, o aluno aprende que deve saber ouvir e também saber falar, cada um na sua vez, e tudo no momento certo. Aprender a respeitar no momento do diálogo é muito importante, pois a conversa também é uma forma de aprender e de ensinar (BRUST, 2009).

O professor precisa esforçar-se constantemente, buscando alternativas para desenvolver os temas a serem trabalhados em sala de aula, trazendo para os dias atuais, para os problemas de hoje, tornando o ensino e a relação professor/aluno muito mais proveitosa.

Quando o professor pergunta, ele não está simplesmente querendo obter respostas que já conhece, ele deseja incentivar o pensamento dos alunos, querendo que eles reflitam de maneira nova, considerando métodos alternativos de pensar e agir (RIBEIRO, 2010). Neste ponto, Libâneo aponta:

O professor não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos. Deve dar-lhes atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, a expor opiniões e dar respostas. O trabalho docente nunca é unidirecional, As respostas e opiniões mostram como eles estão reagindo à atuação do professor, às dificuldades que encontram na assimilação dos conhecimentos. Servem, também, para diagnosticar as causas que dão origem a essas dificuldades (1994, p. 250).

Sendo assim, Ribeiro esteia-se nos estudos de Libâneo e pontua sua explanação expondo que quando há uma falha na comunicação entre professor e aluno, poderá haver o distanciamento das duas partes, o que prejudicará a relação. Portanto, o professor deve sempre refletir acerca da sua prática docente e do bem-estar dos seus educandos (RIBEIRO, 2010).

Na concepção walloniana, tanto a emoção quanto a inteligência são importantes no processo de desenvolvimento da criança, de forma que os professores e os pais devem aprender a lidar com o estado emotivo da criança para melhor poder estimular seu crescimento individual (LA TAILLE, 1992). Torres (2003, p. 177) endossa a ideia ao pontuar que:

A criança crescerá e se desenvolverá em meio a uma família e apresentará os resultados do seu crescimento e desenvolvimento baseados nos cuidados físicos que receberá [...] associado ao desenvolvimento dos sentimentos que os pais proporcionarão a esta criança.

É importante equipar os filhos com bons exemplos de relacionamento social e afeto para que lhes permita interagir de forma positiva com o mundo. Não é tarefa fácil, porém a melhor forma para se levar a ter filhos cidadãos, responsáveis e conscientes de seus direitos e deveres, em vez de criaturas egocêntricas, anti-sociais, sem capacidade de luta, sem tolerância à frustração e em consequência, sem capacidade de adiar satisfação (HITO; BUENO, 2004).

La Taille (1992, p.85) esclarece:

Na psicogenética de Henry Wallon, a dimensão afetiva é central, tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento. Para este pensador, a emoção ocupa o papel de mediadora. O processo de desenvolvimento infantil se realiza nas interações, que objetivam não só a satisfação das necessidades básicas, como também a construção de novas relações sociais, com o predomínio da emoção sobre as demais atividades. As interações emocionais devem se pautar pela qualidade, a fim de ampliar o horizonte da criança e levá-la a transcender sua subjetividade e inserir-se no social.

O desenvolvimento já alcançado pela criança influi na aprendizagem. É esse desenvolvimento que cria as condições para a aprendizagem, pois só é possível aprender quando há um amadurecimento das funções cognitivas compatível com o nível de aprendizagem, “a afetividade influencia positiva ou negativamente os processos de aprendizagem, acelerando ou atrasando o desenvolvimento intelectual” (PIAGET, 1976, p. 134).

A aprendizagem tem uma relação estreita com o desenvolvimento cognitivo. O desenvolvimento das funções psíquicas da criança interage de forma contínua com a aprendizagem, ou seja, com a apropriação do conhecimento produzido pela humanidade e as relações que estabelece com o meio social em que está inserido. Essa apropriação do saber produzido ocorre pela interação social com adultos ou com outras crianças, para Vygotsky (1989, p76. ) “o afeto interfere na cognição, e vice-versa, e a motivação para aprender está associada a uma base afetiva”.

Deve se pensar no desenvolvimento ancorando-o numa tripla interação: fatores sociais, biológicos e psíquicos, destacando nestes as funções “afetivas que estimulam tanto os movimentos do corpo quanto a atividade mental, que tem papel preponderante no desenvolvimento da pessoa” ( WALLON, 1981, p117.).

O desenvolvimento humano sadio é fundamental para o crescimento físico, intelectual de uma criança, assim sendo, existem leis para embasar os responsáveis para que se faça cumprir tal tarefa.

A lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996 que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação em seu artigo 29 define no inciso:

II- A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 2006, p.13).

A mesma lei em seu artigo 32, do ensino fundamental em seus incisos:

III- O desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores.  
IV- O fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social. (BRASIL, 2006, p.14).

Quando a criança nasce se manifesta através da impulsividade motriz, mesmo tendo autonomia para respirar, depende do adulto para a satisfação de suas necessidades básicas como nutrição, higiene e postura. O preenchimento dessas necessidades não ocorre de forma imediata, havendo desconforto causado pela privação, que é traduzido em descargas musculares, crises motoras, representadas por movimentos descoordenados, sem orientação, pura impulsividade motora. A simbiose fisiológica dá lugar à simbiose emocional a partir da significação que o meio social dá ao ato motor da criança, que se expressa no sorriso e nos sinais de contentamento (WALLON, 1981).

Ao chegar à escola, a criança já vem com certas experiências de vida, significativas, e possui características próprias, necessitando assim de uma pedagogia que respeite o seu ritmo e suas possibilidades afetivas e cognitivas. Por isso, o educador tem que ter consciência de que deve tratar essa criança como alguém que pensa, e que tenha possibilidade de crescer, visto que a aprendizagem é algo extremamente sério (AMARO, 2003).

É fundamental que todo docente, em especial os responsáveis pela educação infantil, tenham consciência do importante papel que a educação exerce na sociedade de maneira global. O professor pode influenciar o aluno de forma positiva ou negativa.

Pode-se afirmar que, para uma grande maioria das crianças, o tempo de infância tem sido encurtado, em virtude das circunstâncias econômicas em que se vivem atualmente. Tanto a instituição familiar quanto a instituição escolar deixaram a desejar, pois não assumem verdadeiramente o seu papel na educação da criança, principalmente quando não respeita sua especificidade, o seu tempo de ser criança. Ambas cobram atitudes e comportamentos que a criança ainda não está preparada para assumir (AMARO, 2003).

Portanto, para que a criança se desenvolva no aspecto afetivo, é preciso que a escola estabeleça para ela um ambiente livre de correções, tensões onde as crianças tenham seu espaço para manifestar suas vontades, que possam dar suas opiniões e tenham direito de decidir por suas escolhas.

Ao longo da infância e adolescência acontece a formação básica do ser humano através da educação familiar, escolar e do convívio social. O que muitas vezes acontece é que pais e professores não estão capacitados para participar dos aspectos emocionais e afetivos das crianças, isso acontece pelo fato de que muitos

desses pais e professores tem em suas formações deficiências nesse aspecto, transmitindo essas dificuldades de geração em geração (PEREIRA, 2010).

A família tem uma função educativa que deveria começar desde o nascimento da criança. Os pais deveriam assumir a função de protetores e provedores mais facilmente do que a de educadores. Mas não é isso que se vê. Isto acontece por diferentes motivos, centrados na dificuldade da própria educação ou pelo estresse da vida moderna, que nos impede de estar mais com os filhos, os pais se enchem de culpa. Em consequência, acham que não tem o direito de desenvolver o papel de educadores. Educar inclui também a colocação de limites e, conseqüentemente, o ato de frustrar (MORIYA, 2000).

É na família que se experimenta os sentimentos mais intensos de amor e ódio, alegrias e tristezas, encontros e desencontros, brigas e harmonia. É na família que se aprende uma das coisas mais complicadas para o ser humano, aprende que é capaz de agredir e ferir as pessoas que mais se ama. Nesse universo conflitante que surge a afetividade (BAUAB, 2003).

Família é o lugar de brigas, de amor. Uma família saudável sempre tem momentos de agradável e prazerosa emoção alternados com momentos de tristeza, discussões e desentendimento. Mas é na própria família que essas reparações podem ser feitas, através do entendimento, do perdão tão imprescindível e da aprendizagem de como devemos nos preparar adequadamente para sermos autossuficientes para cuidar de nossos próprios filhos, que serão os frutos de nossa família (CAPELATTO, 2002).

Estudos mostram que as vivências dolorosas quando criança causam traumas emocionais e desenvolvem defesas emocionais. Defesas essas que diminuem a sensibilidade para atenuar a dor do sofrimento emocional. Esse sentimento de defesa, muitas vezes, também impossibilita o sentimento de amor e alegria. As defesas diminuem a autoconsciência emocional e dificultam a compreensão dos sentimentos alheios. O trauma emocional segue mutilando a vida emocional ao longo de toda a existência (GOTTMAN; DECLAIRE, 1997).

É extremamente necessário que ao lidar com a criança durante o processo de ensino/aprendizagem e a qualquer outro momento, o adulto lembre que a maneira como ele se comporta diante da criança influenciará muito no futuro dela.

## 2.4 O PEDAGOGO COMO PARTE DO PROCESSO DE AFETIVIDADE

O pedagogo é uma figura que, algumas vezes, impõe respeito e medo na criança, deste modo, as atitudes do pedagogo frente às ações dos estudantes são fundamentais. Dado esta relevância, convém esclarecer que o pedagogo não pode intimidar (no sentido de impor medo na criança) os alunos.

O ambiente escolar deve ser acolhedor e proporcionar confiança, para que o aluno goste de estar dentro da escola e que se interesse em aprender, independentemente do motivo. Assim, pode-se dizer que a afetividade em educação considera a motivação do aluno, e está ligada ao desejo de participar da aprendizagem. Segundo Jaques e Vicari (2005 *apud* AMES, 1990, p.3), “Estudantes podem ter motivação intrínseca ou extrínseca, as quais determinam as razões pelas quais os estudantes se interessam por aprender”.

Dessa forma, os estudantes passam a buscar e querer aprender, participar das aulas, de modo que desempenham suas tarefas com prazer por aprender, mostrando possuírem habilidades para desenvolver as atividades propostas, bem como a busca por melhorar seu nível de competência em sala de aula (BRUST, 2009). Piaget enfatiza que é a partir da aquisição da linguagem que se inicia uma socialização efetiva, podendo então dispor-se das relações afetivas entre os indivíduos que fazem parte do processo de aprendizagem. Nessa linha de raciocínio, Sarnoski argumenta:

A afetividade também é concebida como o reconhecimento construído através da vivência, não se restringindo ao contado físico, mas à interação que se estabelece entre as partes envolvidas, na qual todos os atos comunicativos, por demonstrarem comportamentos, intenções, crenças, valores, sentimentos e desejos, afetam as relações e, conseqüentemente, o processo de aprendizagem (2014, p. 4).

Wallon (1941 *apud* DANTAS, 1992) argumenta que a dimensão afetiva tem lugar central, seja no ponto de vista da construção do indivíduo assim como na construção do conhecimento, sendo assim, para Wallon, a emoção organiza a vida psíquica e antecede as construções cognitivas. De modo que possam proporcionar às crianças a segurança do afeto e também da aprendizagem, já que estas permitem um desenvolvimento social e individual sincronizados.

Assim, a valorização do trabalho do supervisor no acompanhamento e na orientação da prática docente reflete nos resultados da aprendizagem dos

alunos. Pois o ato de ensinar é resultado de uma prática pedagógica relacional, por isso envolve a afetividade dos educandos e dos profissionais que estão envolvidos no processo de ensino e aprendizagem (SANTOS, 2016).

A afetividade é essencial para os indivíduos, é por meio dela que podemos realizar conquistas no plano da inteligência e, neste caso, ambas (afetividade e inteligência) são importantes para o processo de aprendizagem, visto que, afetividade e cognição são inseparáveis e, conseqüentemente, indissociáveis em ações simbólicas e sensório motoras. Portanto, emoções negativas podem prejudicar o desempenho no processo de aprendizagem, enquanto emoções positivas possuem o efeito contrário, ou seja, podem alavancar o processo de aprendizagem (BRUST, 2009). Sarnoski também valoriza a preocupação com a forma de ensinar:

Na educação de abordagem construtivista, a preocupação com a forma de ensinar passa a ser tão importante quanto o conteúdo a ser ensinado. Por isso, a intensidade das relações, os aspectos emocionais, a dinâmica das manifestações e as formas de comunicação passam a ser pressupostos para o processo de construção do conhecimento (2014, p. 5).

O construtivismo, segundo Nunes (1990), se configura na perspectiva da construção do conhecimento, a qual considera que as crianças passam por estágios para adquirir e construir o conhecimento, ou seja, construtivismo é o resultado do conhecimento que o aluno adquire.

Portanto, o papel do pedagogo frente à relação de afetividade, é de criar um ambiente acolhedor, com uma estrutura afetiva e cognitiva de qualidade para que os sujeitos que dela se valerem possam desenvolver-se de maneira satisfatória, seja no sentido afetivo ou cognitivo (SARNOSKI, 2014).

A afetividade torna-se importante no processo de aprendizagem, de modo que alguns estudiosos mais conhecidos como Wallon (2003), Vygotsky (1996) e Piaget (1980), dedicaram suas vidas para entender como este processo se constitui. Abordando a teoria de Wallon (1975), pode-se perceber que este dá destaque à afetividade, esclarecendo que o afeto sobrepõe-se à cognição, mas deixa claro que ambas devem estar lado a lado.

Duas funções básicas constituem a personalidade: afetividade e inteligência. A afetividade está relacionada às sensibilidades internas e se orienta em direção ao mundo social e para a construção da pessoa; a inteligência, por

sua vez, vincula-se às sensibilidades externas e está voltada para o mundo físico, para a construção do objeto. As relações sujeito e objeto do conhecimento a afetividade se fazem presentes na mediação sutil que incentiva a empatia, a curiosidade, capaz de fazer a criança avançar em suas hipóteses no processo de desenvolvimento e aprendizagem (WALLON, 1975, p. 75).

Dessa forma, cabe ao professor compreender o seu papel frente ao aluno e também cabe ao estudante compreender seu papel frente ao seu próprio aprendizado e ao professor. É imprescindível que professor e aluno caminhem juntos, sem que um tente sobrepor o outro, no entanto, ressalta-se que o educador deve ser respeitado, e que haja autoridade por parte do professor, pois sem uma certa autoridade não há um ambiente harmonioso e que propicie a afetividade. Januário (2013, p.16) afirma que:

É importante salientar que um ambiente harmonioso se constrói com autoridade e disciplina, pois ser um professor afetuoso, não significa que tem que ser bonzinho, aquele professor que sempre deixa passar, não exige o cumprimento das regras em sala de aula, age como se fosse pai ou mãe dos alunos e adota alguns em especial.

Sendo assim, Libâneo (1994) sustenta que a afetividade não diz respeito ao carinho do professor, mas sim da postura afetiva e positiva tomada por este profissional com relação ao grupo no qual exerça sua autoridade e não autoritarismo. Deste modo, o professor passa a estabelecer metas e objetivos com a turma, proporcionando condições que favoreçam a aprendizagem. Acerca dessa questão, Libâneo destaca:

Na sala de aula o professor exerce uma autoridade, fruto de qualidades intelectuais, morais e técnicas. Ela é um atributo da condição profissional do professor e é exercida como independente dos alunos. O professor estabelece objetivos sociais e pedagógicos, seleciona e organiza os conteúdos, escolhe métodos, organiza a classe. Entretanto essas ações docentes devem orientar os alunos para que respondam a elas como sujeitos ativos e independentes. A autoridade deve fecundar a relação educativa e não cerceá-la (LIBÂNEO, 1994, p. 251).

Em vista disto, o professor deve interagir com seus alunos a ponto de estabelecer uma relação de afeto e respeito, assim, a relação professor – aluno torna-se forte e, conseqüentemente, melhor no ponto de vista da aprendizagem dos alunos.

### 3 METODOLOGIA

O tipo de pesquisa utilizada, os procedimentos a serem realizados e os resultados encontrados serão contemplados a seguir.

#### 3.1 TIPO DE PESQUISA

Esta pesquisa é de cunho bibliográfico, baseada em artigos, monografias e periódicos, selecionados através da base de dados *Scielo* e *Google Acadêmico*. Pauta-se também em livros virtuais e físicos que retratam a temática abordada. Trata-se de uma revisão literária sobre as principais teorias que norteiam o assunto do presente trabalho. Boccato (2006, p. 266), esclarece:

A pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação.

Segundo Lima e Mito (2007), quando uma pesquisa bibliográfica é bem montada e realizada, ela pode gerar a postulação de hipóteses ou interpretações que podem servir como ponto de partida a outras pesquisas, principalmente quando os temas das pesquisas são pouco explorados.

A presente pesquisa busca entender como se dá a relação de afetividade bem como é o processo de aquisição da aprendizagem frente à afetividade. A fim de reiterar o que é a pesquisa bibliográfica, Fonseca (2002, p. 32) define:

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta.

Portanto, a pesquisa bibliográfica busca dar suporte teórico à pesquisa, ampliando a gama de possibilidades no cerne do tema abordado e proporcionando melhor compreensão ao tema do trabalho científico, a fim de levantar hipóteses e possível aprofundamento do tema em outros trabalhos.

### 3.2 ANÁLISE DE DADOS

A partir dos dados coletados, a análise realizada é de cunho qualitativo, refletindo e contraponto com a teoria apresentada, objetivando atender a problemática proposta nessa pesquisa.

De acordo com o Ilkiu e Souza (2017, p. 69), a pesquisa qualitativa “é descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem”.

Desta forma, ao interpretar os resultados obtidos na pesquisa, através da reflexão e explicação, apresenta-se os resultados encontrados, comparando e avaliando bem como buscar uma alternativa a fim de minimizar o problema.

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente estudo pauta-se na questão da afetividade na sala de aula e sua relação professor – aluno. Deste modo, entende-se que a afetividade deve caminhar em consonância com a aprendizagem, pois é por meio dela que ocorre uma interação professor – aluno concreta, pautada no respeito, afeto, confiança.

A afetividade é algo essencial na vida dos indivíduos, por meio dela criam-se relações com os demais sujeitos da sociedade, deste modo, entende-se que o processo de afetividade torna-se imprescindível às pessoas. Wallon (2003) argumenta que a dimensão afetiva tem lugar central, seja no ponto de vista da construção do indivíduo assim como na construção do conhecimento, sendo assim, a emoção organiza a vida psíquica e antecede as construções cognitivas dos seres humanos.

O processo de alfabetização é complexo e a afetividade do professor para com o aluno torna-se um fator complementador e de alta importância, visto que abrange o lado emocional dos indivíduos. Uma criança que encontra um ambiente de aprendizagem favorável aprende melhor e com mais facilidade.

A educação é construída conjuntamente entre professores e alunos, de modo que ambos construam uma relação de afeto, que busca o desenvolvimento integral da criança, visando levá-la a um desenvolvimento de qualidade e a uma educação de qualidade. Giancaterino, acerca desse envolvimento, reitera:

O processo educacional não é um processo isolado; é constituído conjuntamente por professores e educandos na interação e com vínculo na afetividade, na participação, na cooperação de ambos, construindo-se e acomodando-se, assim, a aprendizagem (GIANCATERINO, 2007, p. 74).

O ser humano é social desde seu nascimento, o que faz com que seja necessário relações sociais, desse modo, a interação com outras pessoas é capaz de produzir muitas sensações em cada indivíduo. Cabe ressaltar que Borsa (2007, p. 1) afirma que a socialização é um processo interativo, necessário para o desenvolvimento, através do qual a criança satisfaz suas necessidades e assimila a cultura ao mesmo tempo que, reciprocamente, a sociedade se perpetua e se desenvolve.

É na escola que a criança vivencia situações que colaboram para seu desenvolvimento intelectual e social, já que é na escola que a criança passa a

internalizar novos conteúdos, padrões de comportamento e valores sociais. Dessa forma devemos:

entender que o indivíduo que é tratado com afeto pode transformar-se em um ser humano capaz de enfrentar os problemas da vida e tem maior possibilidade de tornar-se uma pessoa mais solidária, mais centrada. Nesse contexto observamos também que o educador tem que fazer sua parte, procurando estar emocionalmente equilibrado, para poder intervir nos conflitos que surgem em sua sala de aula. Um bom relacionamento entre professor e aluno, pautado no respeito e no carinho favorece essa mediação (MELLO e RUBIO, 2013, p.1).

É necessário que a escola se torne um ambiente acolhedor e harmonioso para que as crianças possam sentir-se seguras neste local, e assim possam atingir níveis mais elevados em seu desenvolvimento cognitivo.

Na escola, segundo Wallon (2003), a criança inicia o processo de emancipação familiar, e passa a interagir com a sociedade de maneira ampla, pois assim que adentram na escola passam a ter contato com pessoas que não fazem parte de seu seio familiar, favorecendo relações sociais que envolvem a afetividade, seja com seu professor e também com seus colegas.

Vygotsky (1996) reitera que o professor deve agir como mediador do conhecimento, efetivando a aprendizagem da criança, organizando suas aulas de modo que o conhecimento da criança seja considerado pelo professor, logo, proporcionando autonomia e provocando os estudantes a buscarem o conhecimento, bem como instigar a curiosidade. Lembrando que este educador não deve ser autoritário, este deve considerar que a criança participe de todo o processo de construção de conhecimento, em vista disso, o professor passa a exercer o papel de colaborador, promovendo respeito mútuo e crescimento, oportunizando à criança uma autonomia moral e intelectual.

Beraldi (2013, p.29) esclarece que ante os aspectos emocionais, não cabe a escola promover ajustamento afetivo, saúde mental ou mesmo a felicidade. Na verdade, é dever da escola esforçar-se por propiciar um ambiente estável e seguro, proporcionando aos alunos que sintam-se bem, pois nestas condições as atividades aplicadas são facilitadas.

A educação tem como finalidade guiar o homem no seu desenvolvimento dinâmico, de forma que se constitua como pessoa humana, dotada de saberes e virtudes morais, que o levem ao exercício pleno da cidadania. Sendo dessa forma,

torna-se necessária a reflexão acerca da importância do papel do professor e do relacionamento que ele mantém com os educandos.

Ao tratar sobre a construção do conhecimento e da aprendizagem, é relevante destacar que está sendo envolvido nesse processo o desenvolvimento de todos os poderes e capacidades do aluno, que são físicos, mentais e também afetivos. Portanto, a construção do conhecimento, no processo ensino e aprendizagem, não deve ser baseada na simples memorização mecânica de conteúdos, fatos e experiências, e sim abrangendo o todo humano.

Por outro lado, o educador deve atentar-se para não deixar faltar autoridade, pois sem uma certa autoridade, a sala de aula pode tornar-se um ambiente desfavorável à construção e ao desenvolvimento de aprendizado, e assim haver desrespeito ao professor e demais alunos, deste modo, a aprendizagem estará prejudicada e, conseqüentemente, a afetividade também.

A afetividade está ligada ao gostar, ao interesse. Quando a criança se interessa por um dado tema, gosta deste, a aprendizagem ocorre de forma clara, fazendo com que o estudante participe e queira aprender, passando a agir ativamente em seu próprio processo de aprendizagem.

Ressalta-se aqui que educadores, em sua formação, não recebem conhecimentos de como lidar com todos os imprevistos que podem ocorrer em sala de aula. Na faculdade, aprendem um pouco sobre desenvolvimento, algumas formas e métodos de trabalho, no entanto, não aprendem exatamente que a afetividade obtém papel fundamental na construção do conhecimento da criança, e muito menos que algumas de suas atitudes podem prejudicar essa construção. Evidenciando que “atitudes” refere-se a como o professor pode vir a tratar o estudante, pois a forma de se tratar o aluno está ligada ao início de relações sociais e afetivas.

Libâneo (1994) sustenta que a afetividade não diz respeito ao carinho do professor, mas sim da postura afetiva e positiva tomada por este profissional com relação ao grupo onde exerça sua autoridade e não autoritarismo. Deste modo, o professor passa a estabelecer metas e objetivos com a turma, proporcionando condições que favoreçam a aprendizagem. Fica a ressalva de que autoridade se diferencia de autoritarismo, sendo assim, a figura de autoridade permite que os estudantes possam desenvolver-se com autonomia.

Afetividade é uma ferramenta imprescindível em sala de aula, pois proporciona à criança o sentimento de segurança, apoio, carinho – este, por vezes, negligenciado

pela família – deixando-a à vontade, familiariza com o professor, obtendo assim uma relação afetiva consolidada e com a segurança de que terá apoio em sala de aula.

O pensar em relações de afeto com os alunos pode parecer estranho, no entanto, tem um valor imensurável para a criança, pois ao sentir-se “amada”, passa a desenvolver-se melhor, atingindo níveis de desenvolvimento melhores. Entendendo que as relações entre ensino e aprendizagem são movidas pelo desejo e pela paixão, portanto, possivelmente identificamos e prevemos condições afetivas favoráveis que podem facilitar a aprendizagem.

Neste sentido, o professor pode organizar e propor atividades usando a afetividade. Usando em prol à criança, o educador pode proporcionar atividades que façam com que a criança tenha confiança em seu próprio trabalho, refinando as atividades para que estas possam atender as necessidades, dificuldades e problemas que o aluno possa ter durante o processo de aprendizagem, favorecendo uma educação de qualidade e que motive e desenvolva seus educandos.

A pesquisa em tela buscou compreender como se dá o processo de ensino e aprendizagem mediante a afetividade, dessa forma, ao analisar-se teorias que abordam este assunto, observou-se que a afetividade possui um papel de protagonista na aprendizagem, pois, por meio dela, constata-se que a criança aprende melhor por estar “ligada” afetivamente ao professor que, por sua vez, tem papel de mediador do conhecimento. Assim, a afetividade busca criar um elo entre professores e alunos com o intuito de melhorar a qualidade educacional ofertada às crianças.

Essa melhoria pode se dar pelo fato da criança gostar e dedicar-se mais a aprender o que lhe é ensinado, dessa forma, a aprendizagem torna-se mais prazerosa, por estar ligada aos sentimentos de confiança, respeito e segurança, pois pressupõe-se que a criança passa a confiar mais em si mesma e, por sua vez, desenvolvendo a autonomia.

Cabe ao educador elaborar atividades que possam conduzir os educandos a patamares de desenvolvimento cognitivo cada vez maiores, para isso, deve propor atividades que estimulem a criança, que as desafie a buscar melhores resultados para si mesma e ainda colaborando para ajudar seus colegas de sala com o intuito de também promover interação social e ajuda mútua entre os pares de mesma idade. Pereira e Gonçalves (2010, p.18) esclarecem que “à medida que reforçarmos a decisão de que o aluno precisa aprender, também enfatizamos que a postura pedagógica do professor deve partir dos erros e dificuldades dos alunos”.

A escola deve desenvolver e participar desse processo de afetividade e desenvolvimento, pois é nesse local que a criança passa a ter contato com demais pessoas e a criar relações de afeto, porém, a instituição escolar dá pouca importância a esse “sentimento”, desfavorecendo toda a importância da afetividade.

Sendo assim, a escola age nos moldes dos métodos e tendências tradicionais, impedindo ou limitando a criança. É necessário que a escola passe a agir envolvendo o aluno, buscando meios que o façam querer aprender. O afeto surge como um instrumento que proporciona a integração do sujeito com a sensibilidade, por meio da motivação e da conscientização, buscando formar um cidadão crítico e reflexivo, que participe ativamente na sociedade.

Vygotsky (1994) destaca que as interações sociais são importantes para o desenvolvimento humano, desta forma “o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que a cercam” (VYGOTSKY, 1994, p. 115), favorecendo assim o desenvolvimento integral da criança.

Dentro deste processo, a família também tem papel importante, visto que a primeira interação social ocorre dentro da própria família. Sendo assim, a própria Constituição Federal de 1988, que descreve em seu Art. 227 o dever da família em oferecer o cuidado, a proteção, a educação, e, dentre outros, o direito à vida, faz com que a família assuma a responsabilidade que assim a cabe.

A família deve assumir o papel de educação familiar, a ideia aqui é especificar que independente da formação familiar, é dever desta “instituição” cuidar, zelar, proteger, educar (sendo a educação de valores, ética, respeito e outros conceitos que não estão ligados aos ensinamentos escolares), ser provedor e protetor de suas crianças.

O que se vê, na contemporaneidade, é um descaso com a família, pais abdicam da educação que devem dar a seus filhos achando que a escola o deve fazer, no entanto, o papel da escola é ensinar as ciências. Assim,

Vê-se que a relação família escola está permeada por um movimento de culpabilização e não de responsabilização compartilhada, além de estar marcada pela existência de uma forte atenção da escola dirigida à instrumentalização dos pais para a ação educacional, por se acreditar que a participação da família é condição necessária para o sucesso escolar (OLIVEIRA, 2002, p.107).

Ao pensar no papel da família, pode-se observar que as famílias podem ser diferentes, porém, devem estar em consonância com o bem-estar de seus filhos, visando um bom ambiente familiar, que faça com que a criança desenvolva-se emocionalmente, aprendendo a lidar com as frustrações que a vida irá lhe impor, bem como a lidar com a enxurrada de sentimentos complexos que uma criança e um adulto têm.

Enfim, a família tem papel fundamental em parceria com a instituição escolar, pois ambas devem seguir um “compartilhamento” da vida do aluno/filho, visando seu desenvolvimento, deste modo:

A escola precisa criar interações entre as partes família/escola, não como uma forma de troca de favores, mas como um complemento do que se estabelece no ambiente familiar. As proximidades entre ambas as partes não é uma tarefa fácil, exige confiança e criar estratégias para atrair a família. Embora, seja uma obrigação matricular seu filho na instituição escolar, a família precisa compreender que essa obrigação não a faz outra instituição, a não ser a família, aquela que cuida, que ensina valores, amor, carinho, atenção (BRASIL, 2002) .

É preciso que a família e a escola caminhem juntas na busca do desenvolvimento do sujeito comum entre as duas, proporcionando a este um ambiente familiar e escolar adequado, que o faça progredir e desenvolver se mais, sabendo ainda a lidar com frustrações, desentendimentos, alegrias, enfim, prepará-lo para estar em sociedade.

No que diz respeito à escola, cabe ressaltar que é dentro desta instituição que a criança passará a aprender e desenvolver conhecimentos científicos, sendo assim, apenas reforçará os valores e a “educação” trazida de casa.

Ao estar dentro da escola, muitas crianças sentem-se sozinhas, isso quer dizer que elas não sentem-se acolhidas pelo professor, colegas e pela escola em si. Dado este aspecto, observa-se, com base nas concepções desenvolvidas por Wallon (1975), que a criança precisa desenvolver uma ligação afetiva com seu professor e colegas, visto que este sentimento fará com que sua aprendizagem seja mais completa.

O professor proporciona segurança e respeito, na forma de expressar seus sentimentos. O carinho e a atenção é parte da trajetória na construção da aprendizagem mútua, sendo apenas o começo do caminho a ser percorrido pelo aluno no período de escolarização (PEREIRA e GONÇALVES, p. 14, 2010).

Nesse sentido, sabe-se que o sujeito passa boa parte de sua vida em instituições de ensino, desse modo, deve-se (como educadores) proporcionar uma aprendizagem baseada no afeto, fazendo com que os alunos possam desenvolver seu processo de escolarização de uma maneira prazerosa e – por que não dizer – de qualidade, já que essa relação pode fazer com que a criança sinta-se motivada ao aprendizado. Pereira e Gonçalves (2010, p. 13) destacam que “a afetividade quando demonstrada em sala de aula, resulta em experiências positivas, trazendo benefícios na aprendizagem do aluno. A segurança e confiança depositada no professor são fundamentais para a construção do processo de aprendizagem. “

O afeto no ambiente escolar não está somente no ato de carinho como abraçar ou beijar o aluno como cumprimento de sua chegada a sala de aula. Mas é no olhar confiante do professor em relação à aprendizagem do aluno que proporciona segurança e equilíbrio entre ambos (PEREIRA e GONÇALVES, 2010, p.13).

O professor tem papel fundamental na construção do conhecimento dos alunos, pois ao afastar-se da família assim que entram na escola, as crianças passam a sentir-se inseguras, e é no professor que buscarão suprir a falta e a necessidade de carinho e compreensão.

O vínculo afetivo que o professor estabelece com o aluno em sala de aula, deve ter um caráter libertador e de confiança no cotidiano, para combater o preconceito e os rótulos comuns presentes no ambiente escolar. Dessa forma, o vínculo afetivo estabelecido, favorece a expressão de questões pessoais entre professor e aluno no cotidiano escolar. Além disso, conduz a autonomia e o sucesso na construção da aprendizagem recíproca, na formação da personalidade dos alunos em adultos seguros e confiantes de si, capazes de pensar de forma crítica o mundo que os cercam (PEREIRA e GONÇALVES, 2010, p.13).

Portanto, a relação professor-aluno estabelece-se ao longo do ano, e ambos aprendem e ampliam suas capacidades juntos, proporcionando autonomia e sucesso na construção do conhecimento. Reafirmando esta ideia, Pereira e Gonçalves (2010) afirmam que “no ambiente escolar, o professor tem que ser equilibrado emocionalmente, além de dar atenção ao aluno, deve se aproximar, elogiar, saber ouvir e reconhecer seu valor, acreditando na sua capacidade de aprender e de ser uma pessoa melhor”.

As cobranças para os professores são muitas, sabe-se disso, porém ao depararmos-nos com crianças que não têm estrutura familiar, afeto e tudo que é dever da família fazer, não há como ficar inerte a isso:

Quando falamos em afetividade no âmbito escolar, abrangemos manifestações emocionais que se evidenciam dentro da sala de aula. Portanto, compreendemos a afetividade como sentimento construído através da vivência, da experiência, do reconhecimento e principalmente do respeito ao outro. A afetividade é como um recurso de motivação na aprendizagem do aluno, sendo assim, contribui no desenvolvimento das emoções que se evidenciam dentro da sala de aula (PEREIRA e GONÇALVES, 2010, p.14).

Na sala de aula, tanto alunos quanto professores devem sentir-se à vontade para expressar seus sentimentos, opiniões e ideias, ao fazer isso, o professor acaba deixando claro que a criança faz parte do seu processo de ensino e aprendizagem, dessa forma colaborando para o desenvolvimento da autonomia da criança.

E no ambiente escolar, tanto aluno quanto o professor, são livres para expor sentimentos acompanhados de atitudes e comportamentos que possam melhorar a convivência de ambos num mesmo espaço (PEREIRA e GONÇALVES, 2010, p.15).

Cabe lembrar que as relações entre professor e alunos devem ser respeitadas, no entanto, conflitos ocorrem, e a postura do professor deve ser adequada, pois ao causar a impressão de violência na criança, isso pode prejudicá-la, seja na relação com o professor ou até mesmo em sua aprendizagem. Sendo assim, Pereira e Gonçalves (p. 116, 2010) corroboram que “em situações difíceis e conflitantes na sala de aula, o professor precisa investigar o motivo, conhecer a história de vida familiar e receber suas atitudes com calma e bom senso, o professor não deve tomar a situação de conflito como afronta pessoal ou provocação.”

A dificuldade de aprendizagem da criança no ensino regular está vinculada a falta de afetividade e atenção recebida durante o período de sua escolarização. Dessa forma, a dificuldade de aprendizagem não vem sozinha, a indisciplina também se torna presente no seu comportamento (PEREIRA e GONÇALVES, 2010, p.16).

Em vista dos argumentos apresentados, entende-se que no processo de escolarização, a afetividade torna-se indispensável, pois é por meio dela que se constrói uma relação de respeito, compreensão, confiança e aprendizagem, e tudo

isso interliga-se com o desenvolvimento da curiosidade, criatividade e autonomia, e ao juntar estes aspectos, obtém-se um processo de aprendizagem adequado e de qualidade, já que o educando terá uma base mais sólida para que isso aconteça. Corroborando com a ideia, Pereira e Gonçalves (2010, p.15) estabelecem que “quando o aluno passa a ser o centro das preocupações da escola e se a escola tem como missão criar oportunidade para aprendizagem, a relação professor e aluno torna-se afetiva e produtiva na construção do conhecimento”.

A afetividade deve estar implantada na escola, deve ser praticada, obtendo um processo de conhecimento satisfatório para os alunos e para a escola.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se na pesquisa em tela que a afetividade é muito importante na relação professor-aluno visto que a alfabetização é um processo complexo, desse modo, se há afetividade, todo o processo torna-se mais prazeroso para a criança, facilitando, assim, sua aprendizagem.

Para a criança, o afeto é imprescindível, pois ela precisa sentir-se segura para poder desenvolver seu aprendizado, precisa dessa segurança para melhorar seu desenvolvimento. Dessa forma, a relação professor – aluno é permeada de emoções, afeto, sendo assim, o professor deve tomar cuidado com algumas atitudes em sala de aula, pois o afeto torna-se parte estruturante da inteligência dos indivíduos.

O que se quer deixar claro aqui é que a afetividade tem papel fundamental nas escolas, pois faz parte do processo de desenvolvimento humano, sendo assim, é uma emoção indissociável aos sujeitos.

Portanto, a relação professor – aluno exerce papel fundamental no processo de ensino e aprendizagem, proporcionando um ambiente harmonioso para o desdobramento das aulas e ainda mais importante para os estudantes, que aprendem melhor quando há uma relação positiva com o educador, neste sentido, a escola deve proporcionar o desenvolvimento integral da criança, levando em consideração a afetividade para o processo de aprendizagem, já que, com o estudo apresentado, pode-se observar que o desempenho da criança melhora quando se tem incorporado ao processo de alfabetização e escolarização à afetividade.

Finalmente, convém esclarecer que a presente pesquisa almeja ser desenvolvida aprofundando-se o tema, levando-o para uma especialização.

## REFERÊNCIAS

- AFONSO, Roseli Aparecida. **Afetividade: a importância afetiva no processo de ensino aprendizagem**, Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2006.
- AMARO, Maria de Fátima. **O papel da emoção e do afeto no processo de aprendizagem**. 2003. 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Psicopedagogia) – UENP- Universidade Estadual do Norte do Paraná, Centro de Ciências Humanas e da Educação Campus, Jacarezinho, 2003.
- BAUAB, Cristiane; MITSUNAGA, Eliane; TORRES, Patrícia Lupion. A Transversalidade e a função da família. In: TORRES, Patrícia; BOCHNIAK, Regina. **Uma leitura para os temas transversais: Ensino Fundamental**. Curitiba: SENAR-PR, 2003. p. 351-356
- BERALDI, Elzita de Moraes. **Importância da afetividade no processo ensino e aprendizagem nos anos finais do ensino fundamental**. Medianeira—PR, 2013.
- BORSA, Juliane Callegaro. **O papel da escola no processo de socialização infantil**. O portal dos psicólogos, Rio Grande do Sul – RS, 2007.
- BOCCATO, V. R. C. **Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação**. Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.
- BRASIL. Constituição (1988). **Emenda Constitucional nº 1/92 a 87/2015 e pelo Decreto Federativo 186/2008**. In: Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 2015.
- BRASIL. Ministério da educação. **Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei nº 8.069, de 13-7-1990**. 11. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- BRUST, Josiane Regina. **A influência da afetividade no processo de aprendizagem de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental**. Londrina, 2009.
- CAPELATTO, Ivan Roberto. **Educação com afetividade**. Cartilha do Instituto Brasil Voluntário. Campinas: Fundação EDUCAR Dpaschoal, 2002.
- CHAVES, Antonio Marcos & BARBOSA, Márcio Ferreira. **Representações sociais de crianças acerca da sua realidade escolar**. Estudos de Psicologia (Campinas), 15 (3), 29-40, 1998.
- DANTAS, Heloysa. A Afetividade e a Construção do Sujeito na Psicogenética de Wallon. In: LA TAILLE, Yves; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygostsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, p. 85 a 98, 1992.

- FELDEN, Eliane de Lourdes. **Universo escolar: o lugar da afetividade no processo de ensinar e aprender.** Anais do 14º Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Porto Alegre, 2008.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da Língua Portuguesa.** 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- FERREIRA, Novo Aurélio XXI: **O dicionário da Língua Portuguesa.** 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002
- GIANCATERINO, R. Escola, Professor, Aluno. Os Participantes do Processo Educacional. São Paulo: Madras, 2007.
- GOTTMAN, John; DECLAIRE, Joan. **Inteligência Emocional: a arte de educar nossos filhos.** Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.
- HAYDT, Regina Célia. **Curso de didática geral.** 2ª ed. São Paulo: Ática, 1995
- HITO, Clarice Furini Cascardo; BUENO, Moisés José. **Limites na educação dos filhos e sua influência no contexto escolar e social.** Tomazina: Igol, 2004.
- JANUÁRIO, Verônica Pires Vessani. **A Importância da Afetividade na Relação Professor/Aluno Para o Desenvolvimento da Aprendizagem.** Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.
- JAQUES, Patrícia Augustin ; VICARI, Rosa Maria . Estado da Arte em Ambientes Inteligentes de Aprendizagem que Consideram a Afetividade do Aluno. **Informática na educação: Teoria & Prática,** Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 15-38, 2005. Disponível em: <http://www.pgje.ufrgs.br/revista/> acesso em: 04 abr 2019.
- LA TAILLE, Yves de. *et al.* **Piaget, Vygotsky, Wallon:** teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.
- LANE, Silvia Tatiana Maurer. O indivíduo e as instituições. In: CODO, Wanderley (org.); LANE, Silvia Tatiana Maurer (org). **Psicologia Social: o homem em movimento.** 8ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989. p. 78-98.
- LARROUSSE, **Nova Cultura Ltda,** O globo, Rio de Janeiro, 1998.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1994.
- LIMA, Maria da Glória Sá. **A afetividade e suas relações no processo de ensino e aprendizagem.** (2008). 64 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Psicopedagogia) – FAK – Núcleo de Pós Graduação, Pesquisa e Extensão da Faculdade Kurios, Iguatu, Ceará, 2008. Disponível em: <  
<http://pt.scribd.com/doc/9291600/Afetividade-No-Processo-Ensino-Aprendizagem>  
Acesso em: 15 ago. 2019.

LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica.** Rev. Katál., Florianópolis, v. 10 n. esp., p. 37-45, 2007.

MELLO, Tágides; RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira. **A Importância da Afetividade na Relação Professor/Aluno no Processo de Ensino/Aprendizagem na Educação Infantil.** Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 4 – nº 1 – 2013.

MIRANDA, Marília Gouvea de. O processo de socialização na escola: a evolução da condição social da criança. In: CODO, Wanderley (org.); LANE, Silvia Tatiana Maurer (org.). **Psicologia Social: o homem em movimento.** 8ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989. p. 125-135.

MORALES, Pedro. **A Relação Professor- aluno o que é, como se faz** – São Paulo: Loyola. 1998.

MORIYA, Renato Mikio. **Fenômeno de kassegui: um olhar sobre os adolescentes que ficaram.** Londrina: Cefil, 2000.

NUNES, Therezinha. **Construtivismo e alfabetização: um balanço crítico.** Educ. Revista, Belo Horizonte, 1990. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S010246981990000200004&script=sci\\_arttext](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S010246981990000200004&script=sci_arttext) . Acesso: 20 set. 2019.

OLIVEIRA, Lelia de Cassia Faleiros. **Escola e família numa rede de (des) encontros: um estudo das representações de pais e professores.** São Paulo: Cabral Editora, 2002.

PEREIRA, Gislaine de Fátima. **A afetividade na educação infantil.** 2010. 41 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Psicopedagogia) – UENP- Universidade Estadual do Norte do Paraná, Centro de Ciências Humanas e da Educação Campus Jacarezinho, Jacarezinho, 2010.

PEREIRA, Maria José de Araújo. GONÇALVES, Renata. **Afetividade: Caminho para a aprendizagem.** Revista Alcance - revista eletrônica de EAD da UNIRIO | Ed. 01 | 2010.

PIAGET. Jean. Afetividade e inteligência **Blog da Psicologia da Educação**  
Tradução: Paulo Francisco Slomp, 1977. Disponível em:  
<https://www.ufrgs.br/psicoeduc/piaget/afetividade-e-inteligencia/> Acesso: 18 nov. 2019.

\_\_\_\_\_ **Psicologia e Epistemologia.** Rio de Janeiro: Forense, 1980.

\_\_\_\_\_ **Sobre a pedagogia.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

\_\_\_\_\_ **Psicologia e pedagogia.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1985.

\_\_\_\_\_ **A equilibrção das estruturas cognitivas: problema central do desenvolvimento.** Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

\_\_\_\_\_ **O nascimento da inteligência na criança.** 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar; Brasília, INL, 1975.

PINTO, Fausto Eduardo Menon. **As muitas faces da afetividade: um breve debate sobre o funcionamento psicológico do ser humano.** Barbarói. Santa Cruz do Sul, n. 28, jan./jun. 2008.

RANGEL, Ana Cristina Souza. **Educação Matemática e a construção do número pela criança:** Porto Alegre, 1992.

RIBEIRO, Marinalva Lopes. **A afetividade na relação educativa.** Estudos de Psicologia. jul a set. Campinas / SP, 2010.

SANTOS, Anderson Oramisio. **A afetividade no processo de ensino e aprendizagem:** diálogos em Wallon e Vygotsky. Revista Perspectivas em Psicologia. V 20, N. 1, pp. 86 – 101, jan/Jun, 2016.

SARNOSKI, Eliamara Aparecida. **Afetividade no processo ensino-aprendizagem.** Revista de Educação do IDEAU (Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai). Vol. 9 – Nº 20 - julho - dezembro 2014.

SEVERINO, A. J. **A formação profissional do educador:** pressupostos filosóficos e implicações curriculares. ANDE, Ano 10, nº 17, 1991.

SOUZA, Adilson Veiga e; ILKIU, Giovana Simas de Melo. **Manual de Normas técnicas para trabalhos acadêmicos.** União da Vitória. Kayganguê, 2017.

SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho. **As Relações entre Afetividade e Inteligência no Desenvolvimento Psicológico.** Psicologia: Teoria e Pesquisa ., Vol. 27 n. 2, pp. 249-254 . abr/jun de 2011.

TORRES, Luis Carlos Bleggi; TORRES, Patrícia Lupion. A transversalidade e as etapas do desenvolvimento humano. In: TORRES, Patrícia; BOCHNIAK, Regina. **Uma leitura para os temas transversais:** Ensino Fundamental. Curitiba: SENAR-PR, 2003, p. 351-356.

VIEIRA, Adriana Silva; LOPES, Maristela Diniz. **A afetividade entre professor e aluno no processo de aprendizagem escolar na educação infantil e séries iniciais.** Lins – SP, 2010.

VYGOTSKY, Levi. **Ciclo da Aprendizagem:** Revista Escola, ed. 160, Fundação Victor Civita, São Paulo, 2003.

\_\_\_\_\_ **Obras escogidas.** Madrid: Visor, 1996. t.IV.

\_\_\_\_\_ **Pensamento e linguagem.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

\_\_\_\_\_ **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WALLON, Henri Paul Hyacinthe. **A evolução psicológica da criança.** Lisboa: Edições 70, 1981.

\_\_\_\_\_ **A psicologia genética.** Trad. Ana Ra. *In.* Psicologia e educação da infância. Lisboa: Estampa (coletânea). 1973-1975)

\_\_\_\_\_ **Ciclo da Aprendizagem:** Revista Escola, ed. 160, Fundação Victor Civita, São Paulo, 2003.